

## Empreender com crianças do jardim-de-infância: Experiência na Formação Inicial de Professores

Lina Fonseca

Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Portugal

[linafonseca@ese.ipvc.pt](mailto:linafonseca@ese.ipvc.pt)

### Resumo

O empreendedorismo é tema que acompanha o nosso país há alguns anos. A sua integração no sistema educativo ainda não foi concretizada de modo global. No entanto esta inclusão tem sido operacionalizada em algumas regiões do país. No Alto Minho desenvolve-se um projeto destinado a crianças a partir dos 3 anos e que envolve a formação de professores. O objetivo do projeto é o de contribuir para a apropriação social do espírito e cultura empreendedora por crianças dos 3 aos 12 anos da região. Esta capacitação faz-se no sentido de desenvolver os *soft skills* das crianças. Dada a importância desta temática, fez-se a sua inclusão na formação inicial de professores da escolaridade básica, onde os futuros professores seguiram a mesma metodologia de trabalho que se espera possam utilizar nos contextos educativos. A metodologia de trabalho utilizada organizou-se em doze passos: *Estimular ideias; Partilhar ideias; O meu projeto; Os estados de espírito; Escuta ativa; Aprender a transmitir o projeto; Aprender a trabalhar com os colaboradores; Descobrir necessidades para fazer ofertas; Protótipos para partilhar o projeto; Rede de colaboradores; Ciclos de trabalho; Liderança*. As crianças envolveram-se entusiasmadas e concretizaram os seus projetos.

**Palavras-chave:** Educação, Empreendedorismo, *Soft skills*, Formação Inicial de Professores

### 1. Introdução

Educar para o empreendedorismo é preocupação, já com alguns anos, de instituições internacionais, como a OCDE e o Banco Mundial, e prende-se com a necessidade de capacitar cidadãos para as mudanças contínuas do mundo atual, no sentido de potenciar as suas competências.

A palavra empreendedorismo é polissémica e neste texto o significado que lhe é atribuído é abrangente, sendo entendida como a transformação de ideias em ações (OCDE, 2005). O nível etário dos cidadãos a capacitar varia desde os primeiros anos do jardim-de-infância, aos anos finais do ensino básico, das escolas profissionais, da formação superior e mesmo depois, na formação contínua.

O foco não é o de preparar empresários ou de capacitar para a criação do próprio negócio, mas radica no desenvolvimento de *soft skills*, isto é de competências empreendedoras transversais, essenciais a qualquer cidadão que se pretenda ativo, participativo e crítico, nas diferentes comunidades em que se integra. Os *soft skills* envolvem conhecimentos, capacidades e atitudes e incluem, entre outros aspetos, a capacidade de comunicar, de partilhar ideias, de persuadir, de negociar, de resolver problemas criativamente, de trabalhar em equipa e sobre pressão, de ser autoconfiante, reflexivo, flexível e de se adaptar a novas situações, de gerir adequadamente o tempo, de ser perseverante, de não desistir, de gerar “energia positiva” na equipa de trabalho, de

aceitar as críticas, de analisar e aprender com os erros (OCDE, 2005).

## 2. Enquadramento Teórico

O tema do empreendedorismo foi integrado por vários países europeus no seu sistema de ensino, desde os primeiros anos da escolaridade, concretizando-o através de diferentes opções, tais como cursos, disciplinas, módulos, projetos e/ou contactos com empreendedores (Redford, 2013).

Educar para o empreendedorismo pode ser realizado através do desenvolvimento de projetos empreendedores que concretizam ideias dos alunos e lançam as bases de uma educação empreendedora, que pode complementar-se com conhecimento sobre empreendedorismo, para que os jovens consolidem as suas competências como empreendedores. Empregadores nacionais e internacionais procuram nos jovens candidatos ao emprego competências que por vezes não encontram, apesar de terem candidatos com formação graduada e pós graduada de nível elevado. Procuram o que a literatura designa de *soft skills*.

Os *soft skills* podem desenvolver-se desde cedo no contexto familiar. Como nem todos os contextos familiares são propícios para que todas as crianças desenvolvam as suas competências empreendedoras, a escola deve assumir-se como motor desse desenvolvimento. Para concretizar este desiderato, a escola necessita de ser o local onde todos tenham a oportunidade de desenvolver e praticar uma cidadania plena, ativa, reflexiva e crítica como defende a Comissão Europeia (European Commission, 2011).

A escola necessita por isso de mudar a sua prática, flexibilizando-a e tornando-a desafiadora para os alunos, nos mais variados níveis de ensino, a começar pela educação pré-escolar. O desenvolvimento de *soft skills* pode concretizar-se através de jogos, de projetos que encorajem o trabalho em equipa, a criatividade, a cooperação entre pares, as relações interpessoais, o espírito de iniciativa, a liderança e a comunicação entre todos (Wang, 2012).

A educação para a cidadania, em que se enquadra a educação para o empreendedorismo, necessita que as opções educativas suscitem a participação ativa dos alunos, na exploração e concretização das suas ideias, no enfrentar de problemas e tarefas desafiadoras, na busca de conhecimentos e no desenvolvimento de competências. Para Skovsmose (2001) “a educação não deve servir como reprodução passiva de relações sociais existentes e de relações de poder” (p. 32), mas potenciar a educação crítica, em que professores e alunos, responsáveis pelo crescimento mútuo, ensinem e aprendam em diálogo e questionamento construtivo, desafiando-se continuamente perante problemas do dia-a-dia ou problemas mais teóricos, relacionados ao não com o contexto educativo e tirando partido dos meios tecnológicos disponíveis. A finalidade é a do bem comum. Para o atingir cada indivíduo, pertencente e integrado na sua comunidade, deve sentir-se agente de mudança (Carver, 1997), capaz de intervir em pequenos aspetos que podem melhorar a vida da comunidade.

## 3. O projeto

No sentido de capacitar crianças do Alto Minho, três instituições de natureza diversa, uma instituição do ensino superior, o Instituto Politécnico de Viana do Castelo, com a sua Escola Superior de Educação (ESE-IPVC), uma Comunidade Intermunicipal, a do Alto Minho (CIM-Alto Minho), e uma associação no âmbito da responsabilidade social, a Associação Coração Delta, com o seu Centro Educativo Alice Nabeiro (CEAN), uniram esforços e desenharam um projeto com o objetivo de contribuir para a apropriação social do espírito e cultura empreendedora por crianças dos 3 aos 12 anos do Alto Minho. O projeto desenvolve-se desde setembro de 2011.

Para a concretização do projeto junto das crianças foi necessário formar os professores, quer no

âmbito da formação contínua, quer na formação inicial de professores. A abordagem de formação adotada para os professores seguiu a mesma metodologia que se pretendia fosse utilizada com as crianças. Adotou-se uma metodologia de trabalho empreendedor desenhada pelo CEAN (CEAN, 2009) e posteriormente adaptada à realidade do Alto Minho (Fonseca et al. 2015a). Esta metodologia de trabalho pretendia desenvolver o espírito empreendedor das crianças pela concretização de projetos que resultam das suas próprias ideias, os seus próprios projetos, e não os projetos do professor que as crianças aceitam desenvolvem.

A metodologia de trabalho utilizada organizou-se em doze passos: *Estimular ideias; Partilhar ideias; O meu projeto; Os estados de espírito; Escuta ativa; Aprender a transmitir o projeto; Aprender a trabalhar com os colaboradores; Descobrir necessidades para fazer ofertas; Protótipos para partilhar o projeto; Rede de colaboradores; Ciclos de trabalho; Liderança.*

Defende-se que a educação empreendedora, independentemente dos destinatários, mas de modo mais premente com crianças e por essa razão com os professores, se corporiza via metodologia de trabalho continuado (Fonseca et al., 2015b), mais do que pela organização de uma unidade curricular singular focada nessa temática. Assim, no âmbito da formação inicial de professores e no mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico da ESE-IPVC a temática foi introduzida na unidade curricular de Seminário de Integração Curricular. Os futuros professores receberam formação, desenvolvendo eles próprios as suas capacidades empreendedoras, transformando as suas ideias em ações, seguindo depois para os contextos de educação pré-escolar trabalhar com as crianças, no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada.

No ano letivo de 2016/2017 estiveram envolvidas no projeto 19 futuros professores que trabalharam maioritariamente em par pedagógico em 10 contextos educativos, com 10 educadoras de infância e 192 crianças. Foram concretizados 10 projetos.

#### **4. Apresentação de alguns projetos desenvolvidos no jardim-de-infância**

Os projetos foram variados. Desde a construção de uma zona de brincar no jardim, *O Castelo dos Sonhos Fixes*, passando pela organização de uma ida à piscina, *Vamos à piscina*, e de um livro, *Os nossos sonhos no Reino da Fantasia*, até um projeto em que crianças de 3 anos desenvolveram o seu gosto pelos animais, *Ajudar os animais*.

*O Castelo dos Sonhos Fixes* foi concretizado por um grupo com crianças de 3, 4, 5 e 6 anos. Nesse castelo poderiam concretizar os outros sonhos que foram surgindo. A líder do projeto assumiu-se desde início com responsabilidade e entusiasmo e levou a sua missão a bom porto, com a inauguração do castelo. Algumas decisões tiveram de ser tomadas: que materiais usar, quem podia ajudar, como e onde se ia construir o castelo. Uns esboços mostraram como ele seria.

O material escolhido para os “tijolos” recaiu em pacotes de leite cheios de areia, para lhe dar consistência. Seriam necessários muitos pacotes de leite. Onde os iam arranjar? Trariam de casa! Todas as famílias das crianças, das professoras estagiárias, da educadora e das auxiliares ajudaram nesta recolha. Foram colaboradores do projeto. Outros materiais foram necessários: fita-cola para unir os “tijolos”, papel de jornal para cobrir as paredes do castelo, tinta para as pintar. Para o castelo desejado pelas crianças os tijolos conseguidos não eram suficientes. Tiveram necessidade de agregar mais colaboradores ao projeto. As crianças decidiram que um grupo iria ter com os alunos do 1.ºCEB, da mesma escola, pedir colaboração. Foram claros a transmitir a sua mensagem e conseguiram o material necessário para o projeto. Decisões sobre a cor a usar nas paredes, “cinzento como todos os castelos”, e nas ameias “um padrão de cores” foram tomadas por todos. Enquanto as tarefas foram distribuídas e enquanto uns se dedicaram à pintura das paredes e ameias outros desenharam o brasão da localidade. A inauguração do castelo, com o tradicional corte da fita foi presenciada pela comunidade educativa.



Figura 1 – Construindo *O Castelo dos Sonhos Fixes*.

*Vamos à piscina* foi o projeto que um grupo de crianças, maioritariamente com 3 e 4 anos, decidiu concretizar. Brincar com bolas numa piscina era apetecível. Qual a piscina? e Como iriam até lá? foram duas questões a que tiveram de dar resposta. Na zona do jardim-de-infância não existia uma piscina para a qual se pudessem deslocar a pé. Escolhida a piscina perceberam a necessidade de um autocarro para o transporte. Quem os podia ajudar? Colaborador passou a ser uma palavra conhecida. A autarquia e o seu presidente foram os colaboradores em que pensaram para solicitar o transporte. As professoras estagiárias escreveram-lhe uma carta, com a ajuda das crianças. Indicaram quem eram, o que precisavam e por que razão estava a pedir ajuda. O município respondeu positivamente.

Prosseguiram para a construção do protótipo do seu projeto. Listaram tudo o que era necessário e obrigatório levar para a piscina. Os familiares foram novos colaboradores. Novo problema surgia: quem os podia ajudar na piscina? Um professor de natação. A solução surgiu pronta: o pai de uma das crianças era professor de natação. Contactado, prontamente acedeu a ajudá-los na piscina. Chegado o grande dia, equipados a rigor, foram com as professoras estagiárias e o professor de natação para a piscina. Brincaram com bolas, arcos e pranchas. Mergulharam, nadaram e até deram saltos. Estavam encantados.



Figura 2 – Protótipo do projeto *Vamos à piscina*.

O grupo de crianças que escolheu *Os nossos sonhos no Reino da Fantasia* era constituído por crianças de 4, 5 e 6 anos. Depois de sonharem e partilharem os sonhos decidiram concretizá-los numa história que seria teatralizada. As filmagens registariam, para memória futura, este sonho. Depois decidiram organizar também em livro. Muitos sonhos. Cada dia surgiam ideias para os concretizar. Foi necessário planear, registar os diferentes passos a concretizar e os colaboradores necessários.

Depois da história, para a qual todos contribuíram, pensaram em fazer o cenário para o teatro. Mas eram necessários muitos materiais. Com os conseguir? O grupo decidiu fazer uma feirinha onde seriam vendidos vários produtos. Escolheram bolachas, queques, doce de abóbora, enfeites de natal e marcadores de livros. As famílias colaboraram na elaboração destes produtos. Na data combinada as crianças assumiram o papel de vendedores. Conseguiram as verbas necessárias

para comprar os materiais necessários ao cenário. Seguiu-se a distribuição de papéis e os ensaios. Foram feitos ajustes à história inicial e o entusiasmo era grande. Tomaram nova decisão: apresentar-se à restante comunidade escolar. Concretizaram esta ideia e revelaram-se responsáveis e empenhados. As felicitações pelo seu esforço foram recebidas com entusiasmo. Uma mãe conseguiu contactar uma tipografia e o livro tornou-se realidade.

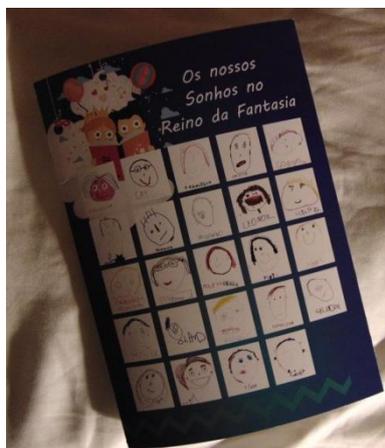


Figura 3 – Produto do projeto *Os nossos sonhos no Reino da Fantasia*.

Depois de optarem por *Ajudar os animais* decidiram-se pelos animais abandonados de um canil e gatil próximo da área da escola. Como este se encontrava temporariamente indisponível para receber a visita das crianças, foi escolhido outro mais afastado. Aqui se revela a persistência das crianças perante o primeiro obstáculo. Como ajudar? Decidiram coletivamente que a ajuda se corporizaria com comida e produtos para os animais. Para a recolha destes produtos foi necessário procurar colaboradores. Os familiares foram essenciais para a concretização desta parte do projeto e responderam muito positivamente. Outro problema foi necessário resolver: meio de transporte para os levar ao canil. A primeira ideia foi a de solicitar o apoio da autarquia. Fizeram-no mas neste caso a resposta foi negativa. Não desistiram. A educadora, juntamente com o agrupamento de escolas, ajudou a resolver este problema. Resolvidos os problemas logísticos foi necessário preparar as crianças para a visita que iriam concretizar.

A procura de informação sobre os animais, o habitat, características, alimentação e tratamento forneceu conhecimentos essenciais sobre os animais. Estavam preparados para a visita. Foi um sucesso. No canil e gatil ainda puderam ver uma égua. Estava a recuperar de maus tratos. No dia seguinte ao da visita, as crianças prepararam um cartaz de sensibilização sobre o modo de tratar adequadamente os animais, para divulgarem pelas outras crianças do jardim-de-infância.



Figura 4 – Encontro com a égua na visita ao canil e gatil

Para que todas as crianças e professores pudessem conhecer os projetos, e divulgar o seu, foi realizada na ESE-IPVC uma exposição de todos os projetos.

(<http://www.edukempreende.altominho.pt/gca/index.php?id=1063>).

Neste espaço as crianças tiveram a oportunidade de apresentar o seu projeto aos restantes participantes, iniciativa que colheu o apreço de todos. Foi a primeira vez que, em Viana do Castelo, empreendedores de palmo e meio explicaram os seus sonhos e o que tinham feito para os concretizar. Ficou a vontade de continuar a sonhar e a concretizar.

Com estes projetos pretendia-se que as crianças, com idades compreendidas dos 3 aos 6 anos, tivessem a possibilidade de transformar as suas ideias, os seus sonhos, o que gostavam de fazer em ações; tivessem a oportunidade de identificar necessidades, que aproveitassem oportunidades e que criassem valor. Os mais pequenos foram capazes de identificar necessidades nos seus contextos educativos, como por exemplo a necessidade de terem um castelo para brincar, de resolver o problema e de criar valor para o seu jardim-de-infância. Estes três aspetos, característicos de um empreendedor, manifestaram-se nestas crianças do jardim-de-infância.

Perceberam que houve diferentes etapas que se foram concretizando, diferentes ciclos de trabalho, e só com a concretização de todas elas se concretizou o projeto, apesar de poderem ter ocorrido alterações necessárias para superar diferentes obstáculos surgidos. Perceberam também que podem ser líderes dos seus projetos. Sabem o que querem, pensam como querem, a quem podem pedir ajuda. Perceberam-se parte integrante de uma comunidade e desenvolveram o seu sentido de pertença, mas também de agência (Carver, 1997), pois foram agentes de mudança, de melhoria de condições da sua pequena comunidade.

Expressões como “não podemos desistir”, “vamos resolver o problema”, “estás um bocadinho cansado? Eu ajudo” ouviam-se constantemente evidenciando o desenvolvimento de *soft skills*.

A perceção de que a resolução dos problemas, maiores ou menores, se fazia com colaboração foi um dado adquirido. A colaboração iniciava-se dentro da própria sala de trabalho, com os futuros professores, educadores e auxiliares, mas cedo ultrapassava os seus limites por ser necessário contar com a ajuda de outros meninos, dos seus pais e familiares, da direção da escola/agrupamento, da autarquia e de tantos outros colaboradores da comunidade, que se mostraram sempre disponíveis. Para além disso a recuperação e o reaproveitamento de materiais, que conseguiam “nova vida” nestes projetos, trouxeram para estas crianças do jardim-de-infância a questão da sustentabilidade do planeta. Mais do que retórica, as crianças e jovens precisam de exemplos vividos.

## 5. Conclusões

O impacto que estes projetos trouxeram às comunidades educativas foi considerado muito positivo, tanto pelos educadores como pelos futuros professores. Permitiram criar ambientes que suscitaram o desenvolvimento de capacidades, como a de ter ideias, partilhar as suas ideias, comunicar com adultos e outras crianças, trabalhar em grupo, os mais velhinhos revelaram a capacidade de distribuir tarefas e de as concretizar em tempo útil, revelando assumir compromissos e concretizando-os; revelaram-se persistentes, esforçados, com estados de espírito positivos capazes de animar os mais cansados, evidenciando capacidades empreendedoras das crianças. Mesmo crianças com necessidades educativas especiais se integraram no desenvolvimento de projetos, visto serem entendidos como projetos de todas as crianças e não um projeto do educador. As comunidades educativas e familiares perceberam o empenho, a dedicação e o entusiasmo das crianças envolvidas.

Quanto aos futuros professores, também entusiasmados, apesar das dificuldades que foram

surgindo no desenrolar de alguns projetos, souberam superá-las e ajudar as crianças a fazê-lo e referiram a necessidade de se envolverem em projetos desta natureza mais cedo na sua formação inicial.

Os pequenos projetos espalharam-se pela escola, pelas famílias e pela comunidade.

A semente tem sido lançada à terra do Alto Minho, que se tem revelado propícia. Mas esta jornada ainda está no início.

## 6. Referências

- Carver, R. L. (1997). *"Theoretical underpinnings of service learning"*. *Service learning*. General Paper 40. Acedido em maio de 2015: <http://digitalcommons.unomaha.edu/slceslgen/40>
- CEAN (2009). *Ter ideias para mudar o mundo. Manual para treinar o empreendedorismo em crianças dos 3 aos 12 anos*. Campo Maior: Associação Coração Delta.
- European Commission (2011). *Entrepreneurship Education: Enabling Teachers as a Critical Success Factor. A report on Teacher Education and Training to prepare teachers for the challenge of entrepreneurship education*. Brussels: Entrepreneurship Unit Directorate-General for Enterprise and Industry.
- Fonseca, L. (coord.), Barbosa, G., Gonçalves, T., Barbosa, A., Peixoto, A & Trabulo, F. (2015a). *Educação empreendedora: caminhos para a concretização de sonhos*. Viana do Castelo: CIM-Alto Minho.
- Fonseca, L., Gonçalves, T. & Peixoto, A. (2015b). Educação empreendedora: Experiência com crianças dos 3 aos 12 anos. In M. R. Almeida, C. Rodrigues & M. C. Negas (eds.), *Proceedings da 5.ª Conferência Ibérica do Empreendedorismo, Empreender para vencer*, pp.179-186.
- OCDE (2005). *The definition and selection of key competences: Executive summary*. Paris: OCDE.
- Redford, D. (2013), A Criação de Uma Estratégia Nacional para a Educação do Empreendedorismo em Portugal, in D. Redford (Ed.), *Handbook de Educação em Empreendedorismo no Contexto Português*, pp. 31-62.
- Skovsmose, O. (2001). *Educação Matemática Crítica. A questão da democracia*. Campinas: Papirus.
- Wang, Y. (2012). *Education in a changing world: Flexibility, Skills and Employability*. Washington: The World Bank.